

ENTRE O MASCULINO E O FEMININO: PERSONAGENS EM CENA NAS TRAGÉDIAS GREGAS PARA PERFORMAR A GUERRA

THALIS FIGUEIREDO SARTORIO¹; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – thalis.sartorio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daniele.gallindo@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Na antiguidade ateniense, o teatro surge nas festividades de Dioniso, as Grandes Dionisiacas (VIDAL-NAQUET; VERNANT, 1977) e nelas o mito encontra uma nova forma de ser apresentado na pólis de Atenas. Na peça *As Troianas* (415 AEC), Eurípedes leva ao palco o desfecho da Guerra de Troia, conflito que gira no entorno do mito em que Páris rapta Helena e os Gregos se unem contra os Troianos. Nisso, Hécuba, mãe de Páris, encabeça a tragédia que tem por mote principal sortear as mulheres de Troia para os comandantes gregos. Já n' *Os Persas* (472 AEC), uma peça de Ésquilo, a Rainha se dirige ao conselho de anciões que ficaram no controle da cidade, enquanto seu filho Xerxes, partiu em guerra contra os Gregos. Na espera por respostas, surge um mensageiro que desvela o resultado de um dos embates, sendo um trecho de relato da guerra, na qual a presença dos soldados é predominante.

As tragédias elegidas para estudo são fruto do momento histórico de Atenas no século V AEC, e ao passo que o feminino e as mulheres de Troia, por um lado e, por outro, *Os Persas* e o embate contra os gregos, são pontos centrais nas tragédias que abordam a temática guerra. Isso possibilita o estudo de gênero quanto à performance estabelecida no registro trágico e como as articulações de gênero são entrepostas na representação da guerra. BUTLER (2018) define o gênero como uma performance repetida. Nisso, uma forma de ser um sujeito em uma sociedade, já que “o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*.” (BUTLER, 2018, p.187, grifos da autora).

A pólis de Atenas do século V AEC vivenciou uma experiência humana de convivência que hoje nomeamos de “democracia”. “Ela mobilizou um compromisso multidimensional e intenso com os assuntos comunitários de um número extraordinário de cidadãos de todas as classes” (RAAFLAUB, 2015, p.35, tradução nossa), visto que o sistema que se formava visava a partição efetiva de todos os cidadãos ateniense e gerou “enorme entusiasmo e levou os cidadãos a desenvolverem uma ‘identidade política’” (RAAFLAUB, 2015, p.35, tradução nossa). Na constituição dessa identidade política e participação, a tragédia ocupou espaço singular para manutenção do poder.

Nessa estrutura isonômica, de igual poder aos cidadãos, a tragédia, ocupa o espaço de instituição paidêutica, educativa, da formação cívica do cidadão ateniense (CARTLEDGE, 1997). Com GRIMAL (1978), vê-se que a “tragédia grega põe em cena, sob forma de ‘drama’”, em o sentido de “ação”, aquilo que já era conhecido, as lendas heroicas que, aos “gregos, eram história”. E continua com “esta história estava sempre em relação directa ou indirecta com a cidade onde se representava a tragédia, que era um espetáculo com interesse para colectividade dos cidadãos. A tragédia apresentava frequentemente um aspecto político, mesmo quando o seu tema parece dizer respeito a outras cidades” (GRIMAL, 1978, p. 46).

Dessa forma, no estudo das tragédias *Os Persas* e *As Troianas* objetiva-se analisar o masculino e o feminino na Atenas do século V AEC e como tais personagens performam uma maneira de ser para homens e mulheres naquele contexto da Antiguidade. Atravessado a isso, a guerra instaura uma conjuntura distinta ao cotidiano e a como o masculino e o feminino se representam em contextos bélicos, de forma a pesquisar a narrativa posta na tragédia para descortinar os eventos políticos e a história da Atenas do século V AEC.

2. METODOLOGIA

Como metodologia, o presente trabalho emprega a Análise de Conteúdo, de Laurence BARDIN (1977). A partir do uso de tal metodologia, pretende-se indagar a fonte, de modo que, utilizada em uma fonte teatral, enseja-se compreender como o texto apresenta construções de femininos e masculinos, ao mesmo passo que representa a pólis de Atenas e política do período.

BARDIN (1977) define que “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (BARDIN, 1977), sendo aqui escolhida para realizar a análise a “categorização”. A técnica consiste em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1997, p. 117). De modo a estabelecer relações entre os empregos pelos tragediógrafos para pôr em cena as personagens masculinas e femininas que se apresentam no drama antigo e como performam modelos e papéis. Com isso, a metodologia elegida é pertinente a fonte, com o objetivo de estudar a interação e comunicação compreendidas tanto no material, como com o próprio período em que a peça é encenada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa desenvolvida parte da pergunta de quem é o ateniense no século V AEC, e busca compreender os espaços cívicos que ocupam as mulheres e os homens no contexto ateniense de pólis antiga: o ser ateniense, e nesse ponto apenas ser “homem ateniense” ou *Athenaios*, visto que o termo não encontrava correlato ao feminino na antiguidade, sendo *Athenaia* uma possibilidade, “Ainda assim, essa palavra não é dita; não existe atenienses mulheres, apenas há “mulheres de Atenas”, *Attikai gynaikeis*” (LORAUX, 1993, p. 117, tradução nossa). Nicole Loraux destaca que “as mulheres de Atenas são imediatamente caracterizadas pela ideia que ela pertence para algo além dela mesma — para a cidade, é claro, mas de certa forma ela pertence a um cidadão, dentro de um contexto de casamento legítimo” (LORAUX, 1993, p. 117, tradução nossa).

Em ser ateniense, é pertinente pontuar o espaço de cunho cívico no qual a mulher desempenhava funções, que era sua forma de ser partícipe da vida na pólis. Nos estudos de Fábio Lessa (2004), vê-se as festividades cívico-religiosas (*As Thesmophórias* e *As Panathéneias*, os mistérios de Deméter e a festa em homenagem a Atena, respectivamente) como atividade com participação ou execução feminina, por vezes exclusiva, que aponta o papel feminino para manutenção das atividades cívicas. Com isso é preciso definir cívico vs político, a cidade em seu espaço político pertence aos homens, porém as mulheres eram peça essencial nas práticas cívicas da pólis de Atenas.

Já ao homem, a participação cívica do ateniense adentrava o campo político e a fala na ágora para deliberar e discutir os problemas da pólis, ou também as

tragédias que viriam a ser encenadas. RAAFLAUB (2015) define que a democracia em Atenas não era direta apenas por ter assembleias abertas onde eram tomadas as decisões, “mas a mais direta possível, pois uma proporção extraordinariamente grande de cidadãos estava constantemente envolvida no governo de sua comunidade e no controle de todos os aspectos do governo e da administração.” (RAAFLAUB, 2015, p.36, tradução nossa)

Estas atividades cívicas estavam encravadas no cotidiano ateniense, sendo no calendário cívico-religioso ou na ágora, uma vez que homens e mulheres de Atenas tinham responsabilidades quanto a serem pertencentes aquela pólis. Apesar das decisões de cunho político estarem nas mãos do masculino, as atividades cívico-religiosas estão presentes na atuação feminina na cidade e para a cidade de Atenas.

A partir desse ponto, o trabalho parte a encontrar os trabalhos que se debruçam sobre as peças, *Os Persas* e *As Troianas*, e como os pesquisadores lançam seus olhares. É alinhado a isso, será descortinada as Guerras presentes nas tramas ou ficcionais, seja a Greco-Pérsica, ou a do Peloponeso (essa em relação a Guerra de Troia).

O último momento da pesquisa é utilizar a análise de conteúdo nas tragédias e tentar encontrar uma ideia que responda a questão levantada pela pesquisa: Como que as representações da guerra por olhares do feminino e do masculino, nas tragédias gregas, deflagram o alvorecer e o crepúsculo da hegemonia de Atenas entre as cidades-estados gregas?

4. CONCLUSÕES

O estudo das tragédias possibilita pensar não apenas o contexto histórico no quais estas estão imersas, mas também o ser humano e a guerra. O masculino e o feminino em contexto de guerra, e como os papéis estão dispostos na trama, seja a Rainha em busca de novas notícias de seu filho e outra Rainha na espera para saber a qual chefe grego serão destinadas as mulheres de Troia. Os paralelos ainda estão sendo analisados, mas é possível pensar sobre a forma que o teatro e, no caso, a peça trágica põe uma série de sentimentos e ações que vão ser mobilizados para execução da trama. Nas peças que são escolhidas no meio da ágora grega, por homens que estão em funções políticas, a predominância de temas que colocam no palco o feminino, e há de ser pensar o quanto nesse espaço paidêutico os masculinos e os femininos encenados são idealizados para respaldar ou repudiar ações que fujam do escopo de gênero considerado adequado aos homens e mulheres de Atenas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

CARTLEDGE, Paul; ‘**Deep plays**’: **theatre as process in Greek civic life**. In: EASTERLING, P.E. (org.). **The Cambridge Companion to Greek Tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 3-35.

LESSA, Fabio De Souza. O feminino em Atenas. Mauad Editora Ltda, 2004.

GRIMAL, Pierre. **O Teatro Antigo**. Tradução de António M. Gomes da Silva. Lisboa: Edições 70, 2002.

LORAUX, Nicole. **The children of Athena: Athenian ideas about citizenship and the division between the sexes**. Princeton University Press, 1994.

RAAFLAUB, Kurt A. **Why Greek Democracy? Its Emergence and Nature in Context**. In: Dean Hammer (Org). **A Companion to Greek Democracy and the Roman Republic**, Blacwell, 2015, Cap. 2, p. 23-43.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, et al. Lisboa: Edições 70, 1977.